
O Culto ao Eu e as Relações de Afeto na Cultura Digital: Uma Análise do Narcisismo Virtual e Afecções no Instagram¹

Isadora Pricila Jácome RAMALHO²

Caroline Delavati COLPO³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

A presente pesquisa apresenta a concepção da sociedade mediada pelas plataformas digitais, sua espetacularização, por meio das postagens do Instagram, e as relações de afeto que podem ser ali constituídas. O trabalho tem o objetivo de discutir como o culto do eu e as relações de afeto acontecem na cultura digital. A análise se dá por meio das duas postagens: uma do perfil do Instagram da Folha de São Paulo e outra da revista Veja, referente às notícias de desrespeito ao lugar de memória Auschwitz-Birkenau, no sul da Polônia, e sua repercussão na plataforma digital.

PALAVRAS-CHAVE: espetacularização; relações de afeto, culto do eu; cultura digital; comunicação

O CULTO AO EU: A INTIMIDADE E SUA ESPETACULARIZAÇÃO

A vida na sociedade moderna é marcada pela espetacularização da imagem do eu através das redes sociais. Toda intimidade é retratada através da tela do smartphone. Para Debord (2003), o espetáculo torna-se uma pseudo realidade, uma visão cristalizada do mundo, que nada mais é do que o âmago da irrealidade da sociedade real.

Quando Debord (2003), teorizou sobre a sociedade do espetáculo, em 1997, vivia-se em um contexto que caracteriza a eclosão das grandes mídias. Entretanto, seus escritos perpassam a realidade em que estava situado. Em sua obra, tem-se uma espécie de visão do futuro sobre a era das redes sociais e da vida narrada como filme em um século espetacularizado.

O ser humano perde a capacidade de contemplação e de viver o real, o aqui e o agora e passa, então, a construir realidades. “A especialização das imagens do mundo

¹ Trabalho submetido ao Intercom Júnior - Relações Públicas, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação a ser realizado de 4 a 8 de setembro de 2023

² Estudante de Graduação 9º. período do Curso de Relações Públicas da UFPB, email:

isadorapricilaj@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de graduação em Relações Públicas da UFPB, email: carolinecolpo@gmail.com

acaba numa imagem autonomizada, onde o mentiroso mente a si próprio.” (Debord, 2003, p. 14) Tudo é permeado pela espetacularização sem deixar nada de fora.

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação. (DEBORD, 2003, p. 13)

Nesse sentido, o espetáculo é parte integral na sociedade, pois passa a ser uma relação entre as pessoas que formam a sociedade, mediatizada pelas imagens. Para Sibilía (2008), a arte da conversação torna-se obsoleta nesses novos espaços espetacularizados. O espetáculo, assim, é o oposto do diálogo. As pessoas utilizam o descarte despreocupado de informações, através das imagens, tornando-se mais visuais do que verbais. As pessoas que recebem a informação podem ter dificuldade de compreensão, por esse motivo, as informações se confundem, não há clareza, não há compreensão e pode ser estabelecida uma incomunicação. (WOLTON, 2010). Informar, portanto, não é estabelecer uma comunicação.

Toda comunicação requer a existência do outro, do mundo, do alheio, do não-eu, por isso todo discurso é dialógico e polifônico, inclusive os monólogos e os diários íntimos: sua natureza é sempre intersubjetiva. (SIBILIA, 2008, p. 32)

Na concepção de Sibilía (2008), nesses novos espaços digitais se cultiva um tipo peculiar de escrita despreocupada marcada pela oralidade. Comumente, é utilizado a transcrição literal da fonética e um tom coloquial que remete às conversas informais. Inexoravelmente, nesses espaços, há uma pobreza narrativa em sua construção, há novas formas de linguagens descuidadas.

Dessa forma, quando se considera esses estranhos costumes novos, nota-se que os sujeitos que constituem a espetacularização, muitas vezes, “mentem” ao narrar suas vidas por meio dos espaços férteis para o espetáculo. Segundo Sibilía (2008), esses indivíduos aproveitam os espaços como uma possibilidade de se tornarem figuras conhecidas e a felicidade de aproveitar os diferentes recursos que as mídias interativas oferecem. Os habitantes desse lugar montaram espetáculos de si mesmos para explicar uma pseudo intimidade na cultura digital.

No contexto de superexposição das redes, a própria vida só passa a existir como tal, só se converte em vida “real” quando ela assume um caráter narrativo e é relatada

nos moldes da primeira pessoa do singular. Segundo Sibilía (2008), o eu narrador transforma a vida como um relato. “Esses relatos, recebem bastante atenção das pessoas: a não-ficção floresce e ocupa um terreno antes pertencente de maneira quase exclusiva pelas histórias de ficção. Mas, como se dá a constituição do eu? “O eu de cada um de nós é uma entidade complexa e vacilante. Uma unidade ilusória construída na linguagem, a partir do fluxo caótico e múltiplo de cada experiência individual”. (SIBILIA, 2008, p. 31)

Os indivíduos participantes da cultura digital aproveitam as vantagens e as diversas ferramentas que essas novas modalidades de mídia interativa fornecem. Nesse contexto, os habitantes das redes sociais constroem espetáculos de si mesmo teleologicamente para exibição de uma intimidade maquiada. (SIBILIA, 2008, p. 29)

A constituição do eu, nesses novos espaços, se dá a partir de um referencial externo. Sibilía (2008), descreve as características do narrador de si como não consciente, pois muitos dos relatos que dão robustez ao eu, tem origem nos outros e possuem uma capacidade de afetar a própria subjetividade

Há limites, porém, para as possibilidades criativas desse eu que fala e desse eu que se narra. Pois o narrador de si não é consciente: muito dos relatos que dão espessura ao eu são inconscientes ou se origina fora de si: nos outros aqueles que, além de serem o inferno, são também o espelho e possuem a capacidade de afetar a própria subjetividade. (SIBILIA, 2008, p. 32)

Nessa nova ecologia comunicacional, a hipermídia retroalimenta uma "máquina de narciso” (PAIVA, 2013,p.239). Narciso na mitologia grega, foi um jovem belo que viu seu reflexo em um lago, apaixonou-se por sua própria imagem, caiu dentro da água e se afogou (RODRIGUES, 2021). Essa alegoria retrata perfeitamente a nova constituição de seres nesse novo espaço. Sendo assim, as relações passam a ser mediadas por meio das redes sociais.

A série Black Mirror (Charlie Brooker, 2011), retrata perfeitamente o cenário de narciso da era pós-moderna. Se imagine em um mundo onde você fosse avaliado por pontos o tempo todo, e sua reputação dependesse da validação alheia. Essa é a proposta do terceiro episódio da primeira temporada de Black Mirror. A protagonista, Lacie, encontra-se em uma busca desenfreada pela prosperidade pessoal, e acaba se esforçando para aumentar sua nota de 4.2 para 5.0. Lacie se esforça para alcançar essa pontuação,

buscando cativar as pessoas ao seu redor. Como elas são desconhecidas, fatalmente, essa interação é bastante artificial e caricata.

O cenário chama a atenção do telespectador pela paleta de cores supostamente alegre e em sintonia perfeita com os objetos e fachadas, trazendo a ideia de uma realidade criada (bem similar ao feed das redes sociais). Laci é o retrato do sujeito pós-moderno e sua busca constante pela validação. Sibilía (2008), acredita que o sujeito atual busca construir sua identidade através de outros por meio de recompensas imediatas.

Figura 1- cena da série Black Mirror 1 episódio da 3 temporada “Nosedive” (queda livre)



⁴ Fonte: Site psicoativo.com

Bauman (2001), teoriza sobre o conceito de modernidade líquida e discorre que, como sujeitos propriamente líquidos, o indivíduo exprime medo de não ser notado e não conseguir acompanhar as mudanças que acontecem ao redor. Essas mudanças acontecem, principalmente, através das plataformas digitais que são canais constantes de atualizações, no que se refere à esfera da tecnologia, palco para o show do eu personagem em uma era marcada pela espetacularização.

Segundo Recuero (2013, p.06), as redes sociais “também permitem aos atores criar e manter uma "identidade" que pode ser legitimada pelos demais, gerando ainda outros valores, tais como reputação e autoridade.” Sendo assim, são espaços que visam

⁴ Dados 28 Março 2023.

Disponível

em: <https://psicoativo.com/2016/11/black-mirror-o-que-psicologia-diz-sobre-obsessao-em-redes-sociais.html>

a interação e legitimação do indivíduo, por meio de recompensas virtuais como, curtidas, reações e comentários.

Para Sibilía (2008) o "eu narrador" e a vida como um relato, retrata um novo sujeito que se torna refém da imagem deixando em segundo plano, o diálogo. Os sujeitos, assim, tornam-se mais visuais do que verbais. A vida comum é narrada como um filme na cultura digital. Mas será mesmo que os novos espaços impossibilitam o diálogo? Será mesmo que há falta de comunicação na cultura digital?

Diferente de Sibilía (2008), Recuero (2013), acredita que as novas formas de conversação são reais, entretanto precisaram se adaptar nessa nova cultura. A conversação na mediação do computador apresenta características diferenciadas. Para Recuero (2013) “assim, elementos como os turnos, o contexto e etc. que na conversação face a face são essenciais precisam ser reconstruídos na mediação das ferramentas digitais.”(RECUERO, 2013, p. 4).

É um evento onde os atores, através das interações verbais negociam sentido, constroem relações sociais e dividem informações e valores sociais. É através da conversação, assim, que conseguimos conhecer melhor o Outro, estabelecer relações e construir os laços sociais que vão estruturar os grupos sociais e a sociedade como um todo.(RECUERO, 2013, p. 4)

Wolton (2010), corrobora com o pensamento de Recuero (2013). Para ele, existe um ideal de comunicação que está em sintonia perfeita com o compartilhamento de sentimentos. Nesse contexto, a todo tempo o ser humano possui desejo pelo ato de se comunicar. Para Wolton (2010, p.17). “Cada um tenta se comunicar para compartilhar, trocar. É uma necessidade humana fundamental e incontornável.” A comunicação face a face, refere-se a ideia de relação, troca e negociação. Na contemporaneidade, a comunicação passa a ser mediada, também pelas mídias digitais, que são espaços propícios para as afecções por meio das diversas interações digitais. O indivíduo é afetado e possui a capacidade de afetar, através das diversas trocas que a cultura digital permite.

AS RELAÇÕES DE AFETO: UMA ANÁLISE DAS AFECÇÕES NA CULTURA DIGITAL

No cerne das interações humanas estão os afetos. Os seres humanos são animais intrinsecamente afetivos e relacionais em essência. Diferente do senso comum a respeito

da etimologia da palavra afeto, Spinoza (2009), define afeto como aquilo que move o sujeito de maneira positiva ou negativa. Dessa forma, a afetividade humana é caracterizada como uma expressão particular do potencial geral da natureza.

Para Spinoza (2009), os afetos podem ser ativos, quando exprimem a passagem a uma perfeição maior (alegria), ou passivos, quando exprimem o movimento oposto (tristeza). As afecções estão presentes nas interações de trocas entre os indivíduos em todas as esferas da sociedade. Não há sujeito que não esteja em constante interação com o próximo e essas interações se complexificam de acordo com os encontros e afecções. O ser humano tem a capacidade de se relacionar consigo mesmo, com o outro e até mesmo com objetos.

Para Gauquelin (1978), historicamente, o processo de relações interpessoais do homem é um processo extremamente longo, mas em seu cerne está o vínculo com o próximo. Nesse vínculo está presente a afetividade. É graças a ela que o indivíduo se liga ao outro, a si mesmo e ao mundo ao seu redor. As relações que as pessoas mantêm com os outros corpos afetantes podem trazer benefícios ou aprisionamento, no segundo caso o indivíduo reage a esses encontros e não age sobre o mesmo.

Segundo Spinoza (2009), o termo afeto caracteriza a transição entre um estado a outro, tanto no corpo afetado, como no corpo afetante, podendo ser uma transição maléfica, ou benéfica para o corpo que sofre afetação. Essa afetação é fruto de encontro com outros corpos. Nesse sentido, o lugar de afetação pode ser nos diferentes espaços, contanto que haja interação entre os corpos. O corpo não é uma unidade isolada, mas essencialmente relacional, é constituído por relações internas, isto é entre as unidades que formam suas partes e seus órgãos, assim como as relações que existem externas com outros corpos, isto é, pela habilidade de afetar outros corpos e igualmente afetado por eles sem se derrocar, transformando-se, regenerando-se e conservando-se graças às relações interpessoais. É impossível pensar no homem com sendo isolado em seu meio.

As emoções, nesse sentido, estão diretamente relacionadas aos afetos. Esses afetos, como falado anteriormente, podem aumentar ou diminuir a potência dos indivíduos.

A filosofia de Spinoza (2009) aguça os sentidos e estabelece um nível de relacionamento com outro a partir da utilização correta de afetos adequados, de maneira que essa relação afaste quaisquer possibilidades de manifestação de afetos tristes que

diminuem as potências, motivados por desejos egoístas. Os afetos, dessa forma, são potência em processo constante de variação. Essas variações acontecem de acordo com os múltiplos encontros entre corpos.

Para Pessoa, Marques, e Mendonça (2019), o afeto coloca o indivíduo em situação de vulnerabilidade, por desconhecer o que pode ocorrer nos seus múltiplos encontros. Sendo assim, esses encontros fazem o ser humano sentir, pensar e experimentar. Para Spinoza (2009), os resultados de um encontro se estendem na duração, sendo experimentados pelo indivíduo como prazer ou dor, alegria ou tristeza. Para Spinoza(2009), o indivíduo vai ao encontro do sentido de expansão da potência, através dos múltiplos encontros. Não se refere, diretamente aos valores pautados pela ética referentes ao bem e o mal, mas acompanha os encontros e os relacionamentos entre os corpos, seguindo o mesmo caminho em busca da liberdade. Essa liberdade é característica do desejo eminente pelo ato de se relacionar com o outro e compor relações com o ambiente. Isto é, trazer significado à própria vida, fazer com que os encontros somem as experiências, diferente de subtrair a potência de agir. É conhecer o mundo, além do autoconhecimento que a experiência afetiva permite

Segundo Pessoa, Marques e Mendonça (2019), os afetos, em certo sentido, são contagiosos, pois se comunicam com outros corpos criando intensidade, aumentando ou diminuindo a potência de outros. Em ambientes coletivos, torna-se mais nítido essas afecções e o efeito contágio que o mesmo é capaz de produzir.

As relações para Spinoza (2009), são verdadeiras trocas, pois acontecem por uma lógica de contágio, de maneira que pode se tornar possível compreender a constituição de um espaço coletivo através dos afetos, como comunidades afetivas. Nesse contexto, o homem é um ser relacional. É impossível pensar o homem como um indivíduo isolado do seu meio.

A partir disso, pode-se pensar que as plataformas digitais são palcos de relações afetivas e espaços de interações coletivas. Ao participar dessas interações, os indivíduos buscam legitimação e aceitação, por meio do que compartilham e trocam nas plataformas. Em certo sentido, essa incessante busca de legitimação pode levar ao aumento da potência do indivíduo, gerando sentimentos atrelados a amor, alegria e satisfação social.

As interações existentes nas plataformas nem sempre geram afetos ativos em outros corpos, ou seja, nem sempre são capazes de aumentar a potência do indivíduo imerso nas plataformas digitais. Recuero (2013) disserta, que a experiência de interação torna-se frustrante quando o mesmo experimenta a quebra da polidez, isto é, através dos conflitos e da violência. Desse modo, as conversações em rede podem ser um espaço fértil para discussões inflamadas, discursos ofensivos e disseminação da violência, caracterizando, assim, afetos capazes de diminuir a potência do indivíduo, gerando sentimentos atrelados à tristeza.

ANÁLISE DA POSTAGEM DO INSTAGRAM DA REVISTA VEJA E DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

Este capítulo propõe analisar como o culto do eu e as relações de afeto acontecem na cultura digital, através das postagens do perfil do instagram da Folha de São Paulo e da revista Veja. Nesta seção, foram analisadas as postagens do perfil do instagram da revista Veja e do Jornal Folha de São Paulo. As postagens referem-se ao desrespeito ao lugar de memória do holocausto em Auschwitz-Birkenau, no sul da Polônia. Nas imagens, consta uma turista posando para foto nos trilhos do trem que levava os prisioneiros judeus para o campo de extermínio na época da segunda guerra mundial (1939-1945).

O perfil da Folha de São Paulo tem como endereço eletrônico @folhadespaulo e conta com 3,5 milhões de seguidores. É uma espécie de jornal eletrônico onde as pessoas adquirem informações em tempo recorde.

A manchete intitulada pela Folha de São Paulo: “ Auschwitz pede respeito a memória do Holocausto após fotos descoladas de turista” foi realizado no dia 19 de abril 2023 e conta com 3158.00 comentários e reações. A postagem em questão, descreve a atitude de uma turista perante o lugar de memória de forma descuidada e despreocupada.

Figura 2- captura de tela



Fonte: Instagram (@folhadespaulo)⁵

A revista Veja, cujo endereço no Instagram é @vejanoinsta possui, atualmente, 2,2 milhões de seguidores na plataforma. A postagem que mostra o narcisismo virtual foi promovida no dia 18 de abril de 2023 e conta com 1294.00 comentários na publicação.

A manchete tem por título: “Após selfies inapropriadas, Auschwitz pede respeito a memória do Holocausto.” É bastante similar à Folha de São Paulo e retrata o pronunciamento do lugar de memória frente ao desrespeito mostrado pela turista. A postagem é o retrato de uma sociedade espetacularizada na qual não há distinção entre o público e o privado. Indivíduos que alimentam a engrenagem do espetáculo sem reconhecer limites. Para Sibilía (2008), o fascínio pelo exibicionismo encontra terreno fértil em uma sociedade cada vez mais individualista com beiradas narcisistas. Os indivíduos participantes da cultura digital retroalimentam a indústria do espetáculo através da sua exposição.

Segundo Sibilía (2008), esta repentina busca insaciável por visibilidade alheia, portanto, essa ambição de fazer do próprio eu um show, pode ser também uma tentativa

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CrM6yuSv63w/>

de satisfazer um antigo desejo humano, demasiadamente humano: afastar os fantasmas da solidão.

Figura 3- captura de tela



Fonte: Instagram @vejanoinsta ⁶

Para além do show, pode-se observar como as afecções acontecem através da postagem do Instagram. A atitude da turista provoca revolta e indignação das pessoas nas redes sociais. Nesse sentido, pode-se considerar, que os sentimentos atrelados a indignação, revolta e tristeza estão diretamente relacionados aos afetos passivos. Segundo Spinoza (2009), esses afetos exprimem o movimento de perda da potência do indivíduo.

Em um ambiente que é palco de interações e palco para acontecimentos coletivos é perceptível as relações afetivas se delineando através de curtidas, reações e comentários. Os internautas reagem aos acontecimentos que causam espanto e estranhamento. Para Spinoza (2009), às relações afetivas acontecem através dos múltiplos encontros em diferentes espaços.

O comentário a seguir, conta com 2316 mil curtidas e 75 comentários que afirmavam e apoiavam a colocação do internauta em questão.

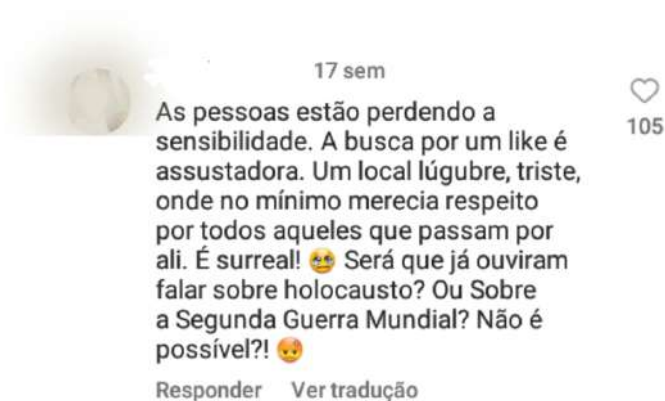
⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CrMCVOAyQH5/>

Figura 4- captura de tela



Fonte: Instagram (@folhadespaulo)⁷

O próximo comentário demonstra insatisfação com a atitude da turista e corrobora com o pensamento de Debord (2003), sobre a sociedade da espetacularização. O indivíduo que busca “recompensas” imediatas, faz de tudo pela visibilidade. O comentário em destaque conta com 105 curtidas no perfil instagram da Revista Veja.



Fonte: Instagram @vejanoinsta⁸

⁷ Dados de 20 de Abril de 2023
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CrM6vuSv63w/>

⁸ Dados de 20 de Abril de 2023
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CrMCVOAyQH5/>

O comentário feio na postagem da Revista Veja retrata o espanto de um internauta ao observar a busca desenfreada da turista pela visibilidade. A sociedade espetacularizada parece não ter fronteiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade atual é marcada pelas diversas interações que a cultura digital permite, todavia a busca desenfreada por recompensas imediatas (que são frutos dessas interações) desconhecem limites.

O culto do eu tem sido veemente adotado pelas pessoas participantes da cultura digital e não há distinção entre o público e o privado nessa nova conjuntura digital, pois tudo é permeado pelo espetáculo sem deixar nada escapar. Os indivíduos passam a construir realidades criadas e a contemplação do real é deixada em segundo plano.

Nesse contexto, as interações que acontecem nas redes se fragilizam e os mesmos são afetados e possuem a capacidade de afetação. Esses afetos, podem trazer benefícios ou aprisionamento. O afeto pode colocar os indivíduos em situação de vulnerabilidade, de acordo com os múltiplos encontros. As consequências desses encontros, fazem os corpos experimentar, sentir e refletir. A interatividade é o âmago da experiência afetiva.

Por meio da análise das postagens do perfil da Revista Veja e da Folha de São Paulo pode-se observar que o culto do eu é presente na sociedade contemporânea e desconhece limites. Nesse sentido, tudo é válido para alimentar a indústria do show, tudo é válido para satisfazer os anseios individuais.

O estudo revelou através da análise dos comentários das postagens da Revista Veja e do Jornal Folha de São Paulo que a cultura digital é um palco para diversas interações que permitem trocas afetivas. Os fluxos comunicacionais acontecem de uma maneira dinâmica e única. Não há limites para os processos comunicacionais na cultura digital. As formas de se comunicar nas plataformas digitais se reconfiguram através das diversas possibilidades.

Dessa forma, foram coletadas informações que auxiliaram o mapeamento das plataformas digitais e como a espetacularização e as afecções impactam a vida da sociedade moderna e sobretudo os fluxos comunicacionais existentes.

REFERÊNCIAS⁹

PESSOA, Sônia Caldas; MARQUES, Ângela Salgueiro; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos (org.). **AFETOS**: Pesquisas, reflexões e experiências em encontros com Jean-Luc Moriceau. 1 edição. ed. rev. Belo Horizonte: [s. n.], 2019. 141 p. ISBN 978-85-54944-21-6.

EBORD, GUY. **A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO**. São Paulo: Projeto periferia, 2003. 169 p. Disponível em: file:///C:/Users/Isadora/Documents/Documents%20importantes/Academia%20UFPB/Inicia%203%A7%C3%A3o%20cient%20ADfca/TCCI/DEBORD_Sociedade_do_espetculo_.pdf. Acesso em: 13 fev

GAUQUELIN, Michel Françoise. Dicionário de Psicologia. Verbo, 1978. PIAGET, Jean. Inteligência e afetividade: seu relacionamento durante o desenvolvimento da criança, 1998. 2023.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

PAIVA, Cláudio. Hermes no Ciberespaço: **Uma interpretação da comunicação e cultura na era digital**. João Pessoa: Editora universitária\UFPB, 2013. 296 p. ISBN 978-85-237-0699-9.

ROUSSILLON, René. **O narcisismo e a análise do eu**. [Digite o Local da Editora]: Editora Blucher, 2023. *E-book*. ISBN 9786555063714. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555063714/>. Acesso em: 01 mar. 2023.

RECUERO, Raquel. **Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais na internet**. In: Primo, Alex(org). *Interações em rede*. Porto Alegre: 2013, p.51-69

RODRIGUES, Nuno. Narciso antes do espelho: o primeiro sentido do mito: Narcissus before the mirror: the first meaning of the myth. **Narcissus be**, Universidade de Lisboa, p. 21-31, 20 jul. 2021. DOI DOI: http://dx.doi.org/10.5209/rev_MESO.2013.n12.45266. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/50696/1/Narciso%20antes%20do%20espelho.%20O%20primeiro%20sentido%20do%20mito.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2023.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2008. ISBN 9788520921296.

SPINOZA, Benedict. **Ética**. Autentica Editora 2009

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural**: Lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulos, 2007. 426 p. ISBN 978-85-349-2700-0.

⁹ As referências seguem o modelo do template e não estão de acordo com as novas normas da ABNT